

A CAMA tinha cerca de 45 anos quando me foi dada por minha mãe, meses após papai falecer. Decidi raspar a madeira e pintá-la para minha filha, Melanie.

A cabeceira estava toda rabiscada. Pouco antes de começar a retirar a tinta, reparei que um dos rabiscos era uma data: 18 de setembro de 1946, o dia do casamento de meus pais. Foi aí que percebi: aquela fora a primeira cama que eles tiveram depois de casados!

Logo abaixo da data do casamento, estavam outro nome e outra data: Elizabeth, 22 de outubro de 1947.

Liguei para mamãe e perguntei: «Quem é Elizabeth e o que significa a data de 22 de outubro de 1947?»

«Era a sua irmã.»

Eu sabia que mamãe perdera um bebê, mas nunca encarara isso como um grande infortúnio para meus pais. Afinal, eles tinham tido mais cinco filhos.

«Mãe, na cabeceira tem uma quantidade de datas e nomes que eu não sei de que é que são.»

«Como 8 de junho de 1959?», perguntou ela.

«Sim, depois está escrito 'Sam'.»

«Sam era um negro que trabalhava para seu pai, que sempre foi justo, tratando com o mesmo respeito todos os subordinados, independentemente de raça ou religião. Mas, naquela época, havia uma forte tensão racial na nossa região. Existiam muitos problemas e houve uma greve do sindicato. Uma noite, alguns

O que a velha cama contou

ELAINE PONDANT

*Aqueles nomes e datas
gravados na madeira
eram um verdadeiro
diário da vida de meus pais.*

grevistas rodearam seu pai. Sam apareceu com vários amigos, a multidão dispersou e ninguém se machucou. A greve terminou, mas seu pai nunca se esqueceu do Sam.»

«Há outras datas na cabeceira. Posso ir até aí para falarmos delas?» Percebi que a cabeceira estava cheia de histórias, e eu não podia simplesmente retirá-las e jogá-las fora.

Durante o almoço, minha mãe me falou do 14 de janeiro de 1951, o dia em que perdeu sua bolsa. Passados três dias, ela lhe apareceu de volta, mandada pelo correio. Junto, vinha uma carta de uma mulher chamada Amy, onde se lia: «Tirei 1 dólar de sua carteira para poder lhe enviar sua bolsa de volta. Espero que a senhora compreenda.»

Com exceção desse dólar, não faltava mais nada; mas, como não tinha remetente, mamãe nunca pôde agradecer.

Depois, estava gravado o nome de George; a 15 de dezembro de 1967, ele matara uma cascavel que se preparava para morder meu irmão Dominick. A 18 de setembro de 1971, meus pais celebraram suas bodas de prata e renovaram seus votos.

Ouvi também falar de Janet, uma enfermeira que ficara junto de minha mãe e rezara com ela, após minha irmã Patricia ter dado um tombo que quase a matou.

Houvera um estranho que impediu uma tentativa de assalto ao meu pai, mas que foi embora sem dizer seu nome.

«E quem é Ralph?», perguntei.

«A 18 de fevereiro de 1966, Ralph salvou a vida de seu irmão em Da Nang. Morreu dois anos depois, em sua segunda missão no Viet-Nam.»

Meu irmão nunca falava da guerra; suas lembranças estavam enterradas bem fundo. Agora, porém, eu sabia por que é que meu sobrinho se chama Ralph.

«E eu que quase apaguei essas histórias espantosas!», comentei. «Como é que você foi capaz de me dar essa cama de presente?!»

«Seu pai e eu gravamos a primeira data na cabeceira na noite em que nos casamos. A partir daí, ela se tornou como que o diário de nossa vida. Quando seu pai morreu, nossa vida conjunta acabou... mas as memórias nunca morrem!»

Quando falei da cabeceira a meu marido, ele comentou comigo: «Há ainda nela espaço para muitas mais histórias.»

Mudamos a cama que tinha histórias na cabeceira para nosso quarto. Já gravamos nela três nomes e datas: Barbara, Greg e Jackson. Um dia, contaremos a Melanie as histórias da vida de seus avós e de seus pais. E, um dia, a cama será dela.

«HOME LIFE» (AGOSTO DE 1993), © 1993 DE THE SUNDAY SCHOOL BOARD OF THE SOUTHERN BAPTIST CONVENTION, NASHVILLE, TENNESSEE

Os MOSQUITOS são como as crianças pequenas. Quando deixamos de ouvi-los, sabemos que estão se preparando para fazer alguma coisa.

— Lynn Aranzamendez, Austrália